



Uma experiência para estimular jovens para o jornalismo científico

Luisa Massarani

Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz
Brasil

Introdução

Os jornalistas especializados em ciência, embora não sejam os únicos, são atores importantes no processo de divulgação científica. Nos diferentes veículos da mídia, esses profissionais vêm apresentando questões relacionadas à ciência para um grande número de pessoas. Nos museus e centros de ciência, seu papel tem se ampliado nos últimos anos. Estudos têm buscado analisar como a cobertura de ciência vem sendo feita, bem como os conteúdos e atitudes transmitidos e os possíveis impactos sobre o público [Bucchi (1998); Condit (2001); Nelkin (1987); Nisbet e Lewenstein (2002); Peters (1998)]. As críticas ao jornalismo científico são freqüentes, ressaltando-se que a atividade precisa ser aperfeiçoada de forma a veicular material de melhor qualidade.

Alguns autores vêm tentando refletir sobre a atividade de jornalismo científico no cenário brasileiro. Por exemplo, pesquisa quantitativa e qualitativa realizada por Massarani et. al. (2001a, 2001b e no prelo) em grandes jornais brasileiros mostrou que os jornalistas, em grande parte, apresentam a ciência de maneira essencialmente elogiativa, ressaltando fundamentalmente aspectos positivos associados à ciência, em particular, no caso do estudo, à genética moderna e suas aplicações. Isto pode favorecer uma distorção na apreciação do público sobre o estado dos conhecimentos científicos e sobre o funcionamento do aparato científico e tecnológico, além de evidenciar uma perspectiva jornalística que minimiza riscos e limitações da atividade científica. As questões éticas e morais aparecem em caráter reduzido. Riscos relacionados à ciência e aplicações mal sucedidas, quando mencionados, geralmente o são apenas de forma superficial e sem uma reflexão mais aprofundada sobre a questão. Além disto, um número importante de notícias é traduzida e/ou adaptada de materiais provenientes do exterior, o que reflete uma deficiência de conhecimento local sobre ciência.

Segundo Cavalcanti (1993), um dos obstáculos para um jornalismo científico de qualidade é a dificuldade de diálogo entre cientistas e jornalistas. Na mesma linha, Jurberg (2000) afirma que a comunidade de pesquisadores critica muito a divulgação de

ciência realizada pelos veículos de comunicação de massa, mas poucos são aqueles que interrompem suas práticas laboratoriais e de pesquisa com o intuito de repensar em como têm colaborado para que o jornalismo científico seja uma área de destaque, onde não existam tantos entraves. Jurberg aponta, ainda, que a atividade de jornalismo científico é prejudicada pelas dificuldades de acesso à fonte (entrevistado ou pessoa que fornece a informação) e à informação de qualidade.

Embora a importância do aperfeiçoamento profissional seja apontada, no Brasil, há ainda poucas experiências formais e continuadas que busquem formar o profissional da divulgação científica, em particular de jornalismo científico.

Exemplos de aperfeiçoamento

Nas duas últimas décadas, podem ser observadas algumas experiências de cursos de divulgação científica no Brasil. Não buscaremos fazer aqui um levantamento exaustivo, mas apontaremos algumas de tais atividades, para delinear o contexto em que nosso projeto, *In vitro*, surgiu.

Macedo (2001a) faz uma cronologia interessante do ensino de comunicação em ciência no Brasil. Segundo a autora, o primeiro curso de divulgação científica no Brasil foi o Curso de Extensão em Jornalismo Científico, ministrado pelo jornalista Manuel Calvo Hernando, em 1970, na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, que também resultou em um livro. Em 1978, criou-se uma linha de pesquisa em comunicação em ciência na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) no programa de mestrado; a partir de 1996, também se incluiu o doutorado.

Algumas disciplinas de pós-graduação vêm sendo realizadas, a exemplo de "Nos bastidores da notícia", criada e ministrada em 2002 por Luisa Massarani e Pedro Lagerblad, também no Departamento de Bioquímica Médica da UFRJ, que teve como objetivo colocar jornalistas como atores em um laboratório. Em tal disciplina, jornalistas têm a oportunidade de vivenciar o cotidiano de um laboratório de ciências biológicas, participando de um experimento científico.

Outra disciplina nessa direção é o Curso de Divulgação Científica à Distância, concebido e ministrado por Cláudia Jurberg e Luisa Massarani, como disciplina da pós-graduação do Departamento de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1999 (Jurberg, 2000). Uma segunda versão do curso, com pequenas adaptações, foi ministrada em 2000; seguindo a mesma orientação geral, Jurberg e Lacy Barca ministraram uma disciplina oferecida pelo Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz, em 2001. Quase duas décadas antes, em 1982, a Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), já tinha oferecido um curso de jornalismo científico à distância.

Nos cursos de graduação de jornalismo, a presença de disciplinas de jornalismo científico está, em geral, associada a iniciativas isoladas de algumas pessoas interessadas no tema. Exemplo disto foi o projeto conduzido na década de 90 por Erika Franziska, com alunos do Departamento de Comunicação da Universidade Federal Fluminense (Franziska, 2002).

Várias outras experiências podem ser citadas. A Faperj, por exemplo, realizou dois cursos de jornalismo científico na década de 90: o primeiro foi coordenado por Ana Arruda; o segundo, sob a batuta de Dominique Ribeiro, resultou no livro *Retratos da baía*, publicado pela própria Faperj em 1994. Em 2001, realizou-se um ciclo de palestras voltados para jornalistas desse campo.

Também foram realizados alguns cursos que centraram em áreas específicas do conhecimento, a exemplo de um curso em biologia molecular realizado na Fundação Oswaldo Cruz, em 1992, e o curso de Imunologia para Jornalistas criado por Jurberg, em 2000 (Jurberg, 2000).

Outro exemplo que merece ser citado é o Curso de Especialização em Comunicação Científica oferecido em 1988 pela Universidade de Brasília UnB, em colaboração com o CNPq. Tratava-se de um programa de seis meses que consistia essencialmente de uma série de palestras ministradas por jornalistas científicos e pesquisadores para alunos universitários (Macedo, 2001a).

No entanto, muitos dos cursos mencionados anteriormente não tiveram continuidade. Um dos poucos exemplos existentes que vem tendo prosseguimento é o curso de especialização criado em 1999 no Labjor (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo), da Unicamp [ver Macedo (2000b); ver também o site do Labjor <<http://www.uniemp.br/labjor>>]. Embora tais iniciativas sejam importantes, como vimos, a atividade de jornalismo científico ainda carece de estratégias de estímulo e aperfeiçoamento. Foi esta motivação que nos levou a criar, o projeto *In vitro*, dedicado a adolescentes que querem conhecer a prática de jornalismo científico.

In vitro

O projeto *In vitro* foi criado e iniciado em 2002, como parte do Programa de Vocação Científica (PROVOC). O PROVOC permite desde 1986 que estudantes do curso secundário freqüentem os laboratórios da Fiocruz, vivenciando o cotidiano dos pesquisadores e participando de experimentos com o objetivo de despertar o interesse pela pesquisa científica.

A idéia de incluir o jornalismo científico entre as áreas contempladas foi dada por Cristina Araripe Ferreira, pesquisadora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) responsável pelo PROVOC. Assim, *In vitro* surgiu como um espaço em que os jovens podem vivenciar o trabalho de um jornalista especializado em ciência. Logo após a sua criação, duas outras jovens que já haviam concluído o ensino médio, mas que se interessavam por jornalismo científico pediram para se juntar ao grupo. Com isto, o grupo atual soma seis jovens – número que nos parece adequado para permitir ao mesmo tempo um trabalho em grupo e um atendimento individualizado. Entre os membros sêniores do grupo, estão duas jornalistas especializadas em ciência que trabalham diretamente com os jovens, Luisa Massarani (oficialmente a orientadora dos jovens) e Claudia Jurberg. O grupo conta, ainda, com dois colaboradores, a jornalista Ana Palma e o biólogo Fábio Gouveia.

In vitro funciona como uma redação-escola, na qual os seis repórteres enfrentam questões práticas e teóricas, ao longo de um ano (podendo ser renovado por mais um ano). Os encontros são semanais, com algumas atividades extras.

Entre as questões práticas, os repórteres participam de uma redação de um *site*, na qual:

- Fazem reuniões de pauta para decidir o tema de suas reportagens.
- Preparam-se para as entrevistas, buscando obter informações adicionais sobre o tema da entrevista, tentando discernir fontes confiáveis de fontes não- confiáveis.
- Definem o(s) cientista(s) que será(ão) entrevistado(s).
- Definem as questões a serem perguntadas.
- Escrevem as reportagens.
- Discutem seus textos em grupos, contando com assessoria individual, de forma a aperfeiçoar: a escrita (no estilo jornalístico e em outros estilos); a objetividade; a concatenação de idéias; o senso crítico. São apresentadas ferramentas para a escrita, como metáforas e analogias, bem como estratégias que busquem assegurar a correção da informação veiculada.

Além disto, os jovens vivenciam outros eventos do cotidiano do jornalista. Exemplo disto são as entrevistas coletivas. Dois tipos de atividades foram preparadas para as entrevistas coletivas. No primeiro deles, os jovens sabem, de antemão, o tema a ser discutido e têm a oportunidade de se prepararem, buscando informações relacionadas e questões pertinentes. O objetivo é estimulá-los a estarem sempre preparados e bem informados sobre o tema em pauta. No segundo tipo de atividade, os jovens fazem a entrevista sem estar preparados. O objetivo é ajudá-los a desenvolver ferramentas que



permitam que façam uma entrevista de qualidade quando são surpreendidos por uma reportagem inesperada. Em ambos os casos, cada um dos integrantes do grupo escreve sua reportagem a partir da entrevista coletiva. Os textos são comparados e discutidos.

Um aspecto importante de *In vitro* é que as reportagens são efetivamente publicadas, dando um caráter real à redação e à atividade de repórter dos jovens. A publicação é feita *on line*, como parte do *site In vivo* <www.invivo.fiocruz.br>, o museu virtual do Museu da Vida, unidade de divulgação científica pertencente à Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Entre os temas das reportagens —escolhidos pelos próprios alunos— incluem-se doenças genéticas, gravidez na adolescência, dengue, experimentação animal e fitoterápicos.

Questões éticas, teóricas e/ou de fundo são também discutidas ao longo de todo o estágio dos jovens, entre elas: a publicação ou não de uma reportagem que pode prejudicar alguém ou alguma instituição; os interesses envolvidos na pesquisa científica; o caráter dinâmico da ciência; os aspectos éticos da pesquisa científica; as controvérsias na ciência. A relação entre cientistas e jornalista é outro ponto debatido, buscando-se uma relação harmônica, em que se respeite as diversidades profissionais.

Além de vivenciar o cotidiano de um jornalista, os jovens:

- (1) Lêem textos relacionados à atividade de jornalismo científico e de escrever de uma maneira geral.
- (2) Analisam e comparam reportagens realizadas pelos diferentes meios de comunicação, bem como por diferentes publicações. O objetivo é buscar identificar similaridades e diferenças de cada um desses meios. Isto dá subsídios para o jovem perceber as particularidades de cada veículo, de forma a poder estar apto a se adaptar aos diferentes empregos ao longo de sua carreira.
- (3) Discutem conteúdos de ciência relacionados aos temas que escolhem para as reportagens.
- (4) Participam de discussões em que se busca refletir sobre a relação entre ciência e sociedade, incluindo o impacto dos avanços científicos na sociedade e a participação do público leigo em decisões relacionadas à ciência.
- (5) Participam de discussões em que se busca refletir sobre o trabalho desse do jornalista científico e sobre qual o papel efetivo desse profissional, algumas das quais são catalisadas por filmes que apresentam personagens jornalistas.

Atrrelado ao último ponto, um aspecto importante explorado com os jovens que deve ser mencionado é a necessidade de se deixar de lado o pensamento de que o jornalista especializado em ciência deve ser uma mera correia de transmissão que leva

para o público o que o cientista diz. Steven Rose, neurocientista e divulgador da ciência inglês, apresenta esta questão de forma bastante provocativa:

"Por definição, a profissão de comunicador da ciência é muito difícil. Veja sob este ponto de vista: se você lê no jornal uma crítica de uma peça teatral ou de uma obra de arte, os jornalistas apresentam seu ponto de vista sobre aquela peça ou obra de arte. Podem dizer que é um horror ou excelente, elogiar a atuação, por exemplo e, no final, eles dão uma nota em uma escala de estrelas do tipo 'imperdível', 'ruim' etc. Mas os comunicadores da ciência não fazem isto. Eles não dizem 'isto é ciência ruim', eles não dizem 'esta ciência é boa'. Eles simplesmente atuam como uma correia de transmissão, levando para o público o que o cientista diz. Não é uma análise crítica do que está acontecendo. Acho que, para a comunicação em ciência crescer e se tornar uma disciplina técnica de fato, é preciso desenvolver uma abordagem crítica da ciência." (Rose, no prelo)

Considerações finais

Avaliações preliminares feitas sistematicamente ao longo das atividades vêm apresentando resultados positivos. Além disto, é necessária também uma avaliação de longa duração, buscando-se analisar se o projeto *In vitro* terá, ou não, um real impacto na vida dos jovens ao longo de sua trajetória profissional.

Acreditamos que o programa pode ser útil para os futuros jornalistas científicos, despertando-os para questões relevantes da profissão e tornando-os mais bem preparados para os desafios que certamente vão enfrentar em sua carreira. Acreditamos, também, que mesmo se o jovem optar por um jornalismo em outra editoria, seu estágio em *In vitro* poderá torná-lo mais sensível a temas da ciência.

Um aspecto que precisa ser considerado é que muitos desses jovens podem acabar optando por outras carreiras, fato natural intrinsecamente ligado ao processo de escolha profissional. Ainda assim, acreditamos que o programa possa ter algum impacto significativo nesses jovens. Para os jovens que acabarem optando por uma carreira científica, por exemplo, *In vitro* pode sensibilizar os futuros cientistas sobre a importância de divulgar seu trabalho, de envolver o público em suas atividades e de se preocupar com o impacto da ciência no público geral. O mesmo pode se dizer de médicos e engenheiros. Esperamos, ainda, que como cidadãos, esses jovens percebam o papel da ciência em seu cotidiano, bem como a importância de eles refletirem e opinarem sobre aspectos da ciência que têm impacto na sua vida.

Nosso trabalho tem ainda caráter restrito, mas nossa perspectiva é que programas como esses, voltados para o aperfeiçoamento do jornalismo científico, contribuam para que a popularização da ciência e da técnica se dê em bases menos fantasiosas, mais realistas e com maiores preocupações éticas.

Referências bibliográficas

Bucchi M. (1998). *Science and the media*. Londres e Nova York: Routledge.

Cavalcanti F. (1993). *Jornalistas e cientistas: os entraves de um diálogo*. Relatório de pesquisa realizada para conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em jornalismo sob a orientação da professora Isaltina Mello Gomes. Universidade Federal de Pernambuco.

Condit C.M. et al. 2001. *An exploratory study of the impact of news headlines on genetic determinism*. *Science Communication* 22(4): 379-395.

Franziska E. (2002). *E por falar em ciência... No rádio!* In: Massarani, L., Moreira I. e Brito F. (org.) *Ciência e Público – Caminhos da divulgação científica no Brasil*. p. 79-88.

Jurberg C. (2000). *Ciência ao alcance de todos: experiências de educação à distância em jornalismo científico*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Macedo M. (2001a) *Enseigner la communication scientifique à des chercheurs et à des journalistes: une chronologie des programmes au Brésil et l'expérience du Labjor/Unicamp*, COMMposite

<http://commposite.org/2001.1/articles/macedo.html>

Macedo M (2001b). *A science communication programme for researchers and journalists: the experience of Labjor/Unicamp (Brazil)*. Trabalho apresentado na 6th International Conference on Public Communication of Science & Technology "Trends in Science Communication today: bridging the gap between Theory and Practice", Genebra, fevereiro de 2001.

<http://visitservice.web.cern.ch/VisitsService/pcst2001/programme.html>

Massarani L., Magalhães I. Moreira I. C. 2001a. *Quando a ciência vira notícia: um mapeamento da genética nos jornais diários*. I Encontro Regional da SBEnBIO, Rio de Janeiro, August 2001.



Massarani L., Magalhães I. e Moreira I. C. 2001b. *A ética, a moral e os riscos das novas tecnologias da genética: uma análise dos jornais brasileiros*. Trabalho apresentado na VII Reunión RED-POP, Santiago, Chile.

Massarani, L., Magalhães, I. Moreira, I. C. (no prelo). *Quando a ciência vira notícia: um mapeamento da genética nos jornais diários*. Artigo aprovado para publicação em *Ciência & Ambiente*, 26 (maio de 2003).

Nelkin, D. 1987. *Selling science—How the press cover science and technology*. Nova York: W. H. Freeman.

Nisbet M.C. e Lewenstein B.V. (2002) *Biotechnology and the American Media: The Policy Process and the Elite Press, 1970 to 1999*. *Science Communication*, June 2002, vol. 23, no. 4, pp. 359-391(33).

Peters H.P. (1998). *Is the negative more relevant than the positive? Cognitive responses to TV programs and newspaper articles on Genetic Engineering*. Trabalho apresentando na 5th International Conference on Public Communication of Science & Technology "Science without Frontiers – Wissenschaft, Medien, Öffentlichkeit", Berlim.

Rose S. (no prelo). *Estaria tudo escrito nos genes?* Artigo aprovado para publicação em *Ciência & Ambiente*, 26 (maio de 2003).